



ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO
ISBN 978-85-65957-00-7

BRock: O Ensino de História por meio do rock brasileiro nos anos 1980

Aline do Carmo Rochedo*¹

Resumo

A História é um saber em construção. Trabalhar com maneiras variadas de ensino e pesquisa é uma condição necessária à riqueza e à multiplicidade no processo de conhecimento. Atentando para o debate teórico metodológico, considerei os conceitos de culturas juvenis, memória e música como eixos de análise, buscando a elaboração dos mesmos segundo os diferentes campos de ação e tendências historiográficas. Nesta abordagem, o ensino de História não hierarquiza um ou outro grupo, mas os qualifica estabelecendo operações específicas em cada caso, sem preconceitos de inferioridade ou superioridade. Objetivando, desta forma, produzir efeitos de transversalidades entre os saberes diversos no processo histórico. A proposta refere-se à construção de uma metodologia que privilegie o universo jovem, a fim de relacionar a aprendizagem aos interesses culturais dos mesmos, com ênfase na relação Rock-Juventudes.

Palavras-Chave : História- Rock - Juventudes

Abstract

Being History an under construction knowledge, working with several ways of researching is a necessary condition for the richness and plurality in knowledge production. Paying attention to the methodological and theoretical discussions, I have considered the concepts of youth culture, memory and music as axes of analysis, seeking for the development of them according to the different fields of action and historiographical trends. In this approach, History teaching does not rank either group, but qualifies them by establishing specific actions in each case without inferiority or superiority prejudices. The goal is to produce transversality effects among knowledge types in historical process. This proposal intends to construct a methodology which privileges the youngsters' universe, in order to connect the learning process with the cultural interests of that group, emphasizing the relation between Rock and youth.

Key words: History; Rock; Youth Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense

* Rochedo, Aline do Carmo. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em História do Brasil-Uff e licenciada em História. Atua na área de História e Cultura, principalmente nos seguintes temas: Culturas, Juventudes, Rock, Identidade e Memória.

O BRock

BRock, sigla criada pelo jornalista Arthur Dapieve, designa o período em que o rock brasileiro se consolida e adquire visibilidade: os anos 1980. Uma parcela da juventude urbana, ao conquistar uma posição na indústria fonográfica e na mídia brasileira, projeta em sua produção musical, a lógica social e o tempo histórico nos quais estavam inseridos.

O rock propõe a troca, a integração com o conjunto, estimulando o público a sair da convencional passividade. Com isso, os saberes escolares enriquecem-se com os saberes extra-escolares, conforme indicação da LDB (título II, artigo 3º), ganhando uma nova dinâmica e sendo ressignificados pela busca de uma leitura crítica e reflexiva dos problemas vividos. Os discursos nas músicas indicam fatos ligados aos anos de ditadura civil-militar à transição democrática e caracterizam uma nova geração de jovens brasileiros, cuja visibilidade é atribuída ao rock, à geração Coca-Cola.² É possível, desta forma, dar novos sentidos aos assuntos e às atividades pedagógicas.

Realizado e consumido por jovens, o rock estabelece uma relação de percepção de mundo no processo de transição política ao qual o país atravessava. Grupos que desfrutavam do bom humor em tempos tão rígidos esboçavam o rock que estava surgindo. Estes jovens começam a ingressar na vida pública por seus próprios meios de expressão, sendo um deles o fazer e ouvir rock. No início, formar uma banda era apenas uma forma de diversão, porém os grupos foram amadurecendo ao longo da década, como músicos profissionais.

Os músicos/compositores, que em sua maioria tinham entre 18 e 24 anos, cresceram e foram educados no período de maior repressão do regime civil-militar. Não chegaram a enfrentar o regime diretamente, mas sofreram os impactos provocados por ele. O conteúdo transgressor, nesta abordagem do rock, é percebido a partir de temas polêmicos para o período como sexo, drogas e violência. Estes novos valores identificam a preocupação com a liberdade de expressão e com estilo de vida. A letra “Será”, escrita por Renato Russo em 1979, expressa esta inquietação contrária a qualquer forma de dominação:

*Tire suas mãos de mim /Eu não pertenço a você/Não é me dominado assim /Que
você vai me entender/Eu posso estar sozinho /Mas eu sei muito bem aonde
estou/Você pode até duvidar /Acho que isso não é amor./Será isso só
imaginação?/Será que nada vai acontecer?/Será que é tudo isso em vão?/Será que*

²Este artigo é dos desdobramentos da pesquisa realizada durante o Mestrado em História, na Universidade Federal Fluminense, intitulado “Os filhos da Revolução” a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980



ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO
ISBN 978-85-65957-00-7

vamos conseguir vencer?! (“Será”, Letra de Renato Russo “Álbum 1”, Legião Urbana, 1985.)

A letra de Geração Coca-Cola, de Renato Russo, de certa forma imprimiu a imagem da juventude do período. Nela, o letrista mostra a contradição da sociedade que, durante os anos de repressão, mantinha os meios de informação e formação dos jovens fechados, ao mesmo tempo em que lhes exigia uma determinada competência política. Uma crítica à sociedade e ao governo. Nesta perspectiva, a primeira parte da música marca a passividade da sua geração onde os sujeitos estavam submetidos a uma situação de opressão. Um dos temas que aparecem na canção é a presença do domínio da cultura americana, isso emerge no próprio nome da canção e na referência a uma absorção de uma cultura massiva através dos “enlatados”, categoria que no Brasil, remete tanto às comidas não saudáveis quanto às séries de televisão.

Quando nascemos fomos programados/A receber o que vocês nos empurraram/Com os enlatados dos USA, de 9 as 6./Desde pequenos nós comemos lixo/Comercial e industrial/Mas agora chegou nossa vez/Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

Nos versos seguintes, o jovem é retratado protagonista de uma atitude ativa frente sua realidade. Nesta composição se pode observar a construção da identidade da geração que se autodenomina “filhos da revolução” ao qual receberam passivamente as informações políticas e culturais do governo, mas essa passividade havia chegado ao fim. A geração que começava a entrar na vida pública devolvia o que tinha aprendido:

Depois de vinte anos na escola/Não é difícil aprender/Todas as manhas do jogo sujo/Não é assim que tem que ser?/Vamos fazer nosso dever de casa/E aí então, vocês vão ver/Suas crianças derrubando reis/Fazer comédia no cinema /com as suas leis./Somos os filhos da revolução/Somos burgueses sem religião/Nós somos o futuro da nação/Geração Coca-Cola.(Geração Coca-Cola” letra de Renato Russo. 1978. “Álbum Legião Urbana”, 1985)

Nesta esfera de compositores juvenis, os letristas se destacam pelo vasto volume de canções que dão conta de um universo jovem característico deste período, evidenciando seus valores, posturas, emoções, atitudes e preferências. Assim, é importante considerar as condições em que foram as músicas compostas, como seus autores as pensaram e com que finalidade a compuseram.

O meio Urbano

Falar do cotidiano é evidenciar essa às temáticas da vida da cidade, nas aventuras ocorridas: “nós éramos os personagens principais das canções, Nossos temas tinham a importância de virar uma canção e tocar nas rádios”. (Entrevista com Evandro Mesquita, compositor e cantor da Blitz, realizada por Aline Rochedo em 25 de outubro de 2009)

As bandas oriundas de Brasília captam esse cotidiano urbano de rua onde estes jovens letristas costumavam se movimentar. Retratam a relação conflituosa que tinham com a cidade. O Distrito Federal, conhecido como uma cidade sem opções de entretenimento fazia com que o sonho da maioria dos adolescentes fosse montar uma banda para tocar nos circuitos alternativos: “O aborrecimento colaborou para que buscássemos a música. Em Brasília havia muitos grupos de teatro, de música MPB, de dança, punk, etc.” (Entrevista com Dado Villa Lobos, guitarrista e compositor da banda Legião Urbana, realizada pela autora em outubro de 2009).

A crítica às instituições repressoras que sustentavam o sistema na realidade urbana é um dos temas centrais da banda Plebe Rude que aborda a cidade de Brasília explorando indícios de violência e abandono em suas representações: O concreto já rachou, ou seja, a proposta não deu certo.

Brasília (...) A morte traz vida e as baratas se arrastam /(Utopia na mente de alguns...) / Os prédios se habitam as máquinas param As árvores enfeitam e a polícia controla /(Utopia na mente de alguns...)/Oh.. O concreto já rachou!(...)
 (“Brasília”, composição Plebe Rude. Álbum “O concreto já rachou”. Plebe Rude, 1985.)

A violência é representada como um dado quase indissociável à vida das metrópoles. A convivência com o medo, pelo aumento da violência urbana, traz consequências para estes jovens. Estes elementos permeiam o cotidiano e aparecem em letras como na canção “Música Urbana”, da Legião Urbana: “(...) Os PM's armados e as tropas de choque vomitam música urbana/E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana./Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana. (“Música Urbana” letra de Renato Russo/1979. Álbum Dois, Legião Urbana, 1986)”.

As imagens da cidade e da sociedade revelam traços negativos da convivência. A letra de “Veraneio Vascaína”, que sobrou do espólio do grupo Aborto Elétrico, composta por Flávio Lemos e Renato Russo, gravada posteriormente pela banda Capital Inicial, questiona o



papel do policial na relação com a sociedade, oriunda das experiências concretas de seus autores. A letra remete a episódios que ocorriam durante a “Rockonha”, festa mesclada de rock e maconha. Segundo Dado Villa Lobos, a polícia dividiu os jovens presentes entre os que eram filhos de militares e os demais. Renato Russo rememorou o momento em que os policiais invadiram:

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio/Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho/Com números do lado, dentro dois ou três tarados/Assassinos armados, uniformizados/Veraneio vascaína vem dobrando a esquina.(“Veraneio Vascaína”, letra: Renato Russo. Álbum “Capital Inicial”, 1986)

Os jovens criticavam a ação policial e faziam das canções a sua própria linguagem. A banda Titãs, na letra da canção “Polícia”, traduz a aversão à suposta proteção oferecida, representada pela polícia. A canção foi escrita inspirada no episódio em que Tony Bellotto e Arnaldo Antunes foram presos com heroína. Arnaldo passou 26 dias na prisão e ambos foram condenados. O cantor por tráfico (por ter passado heroína para o guitarrista), e Bellotto, por porte de droga. Sem antecedentes criminais e trabalho declarado, cumpriram a pena em liberdade. “Dizem que ela existe pra ajudar /Dizem que ela existe pra proteger Eu sei que ela pode te parar /Eu sei que ela pode te prender Polícia para quem precisa /Polícia para quem precisa de polícia.” (“Polícia”, letra de Tony Bellotto. Álbum “Cabeça Dinossauro”. Titãs, 1986.)

A dimensão presente nos discursos das letras retrata uma polícia que persegue, invade shows, dificulta o deslocamento e que em alguns casos, usara a força bruta em situações desnecessárias.

Política e sociedade

A esfera sócio-política, que até o ano de 1985 foi tema em especial das bandas oriundas de Brasília, começa a ser enfocada de forma mais direta pelas bandas de São Paulo e Rio de Janeiro. Em tais letras, registra-se uma série de notícias sobre a má reputação e atuação dos políticos e governantes. As letras chamam a atenção do ouvinte/leitor ao denunciar o discurso discriminador diante da condição social então vigente, remetendo aos anos da ditadura civil-militar. Escrita em 1978, “Que País é Este” com seu ritmo acelerado e apenas três acordes, foi a música de abertura de quase todos os shows da banda Legião Urbana:

Nas favelas, no senado/Sujeira prá todo lado/Ninguém respeita a constituição/Mas todos acreditam no futuro da nação/Que país é este.(...) Terceiro Mundo se



for/Piada no exterior/Mas o Brasil vai ficar rico./Vamos faturar um milhão/Quando vendermos todas as almas/Dos nossos índios num leilão./Que país é este.

As letras explicitam a influência do processo político pelo qual o país passara. A juventude que cresce durante o regime delineia uma visão de mundo onde não se manifestava interesses aos projetos políticos. Segundo Dapieve, a sensação de impotência e de experiências frustradas fora registrada na letra de “Será”: “Será só imaginação?/Será que nada vai acontecer?/ Será que é tudo isso em vão?/Será que vamos conseguir vencer?”.

O cenário mundial era de desesperança para as novas gerações. Desta abordagem, uma conotação nova à letra. Para aqueles jovens nada era certo! Os militares poderiam estar de volta a qualquer momento. A letra traz a ideia da angústia e a insegurança daquele período. Outro exemplo deste sentimento é a canção “Juvenilia” da banda RPM: “Sinto um imenso vazio e o Brasil/ Que herda o costume servil/ Não serviu pra mim/ Juventude/ Aventura e medo/ Desde cedo/ Encerrado em grades de aço”. (“Juvenilia”, letra de Paulo Ricardo e Luiz Schiavon. Álbum “RPM”, 1985.

Após a derrota da emenda Dante de Oliveira, líderes peemedebistas se articularam com parcelas do PDS e formaram a Aliança Democrática para disputar, em 15 de janeiro de 1985, as eleições para presidente da República no Colégio Eleitoral. Este misto de insegurança e incerteza trouxe à tona a participação popular em várias frentes de lutas. Dentre as manifestações, o importante episódio durante o processo de abertura política foi a criação da campanha “Diretas já”, em 1984, a qual contribuiu para participação das massas neste andamento da mudança do regime político nacional. Foi neste período que a música “Inútil” da banda Ultraje a Rigor foi composta.

Escrita a partir de fatos relacionados ao país, ganhou cunho político e social quando Ulysses Guimarães, um dos principais líderes políticos, declarou que enviaria uma gravação de “Inútil” para o então general-presidente João Figueiredo. A letra tem por principal característica a ironia crítica à frase pronunciada por João Figueiredo na época: “Um povo que não sabe nem escovar os dentes não está preparado para votar”. Proibida de ser veiculada pela censura passou a ser conhecida quando reproduzida para 10 mil pessoas, no primeiro comício pré-eleições direta em São Paulo. A música surpreendeu os formadores de opinião em todo o país e tornou-se um dos hinos da campanha “Diretas Já”: “Inútil é a música mais expressiva em termos de protesto explícito. Não há figuras de linguagem: é tudo seco, direto, objetivo e claro. Está tudo nas letras das canções. Este era o foro de debate estético e político



ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO
ISBN 978-85-65957-00-7

desta época”.(Entrevista com Arthur Dapieve- jornalista, crítico musical e professor PUC-Rio- realizada por Aline Rochedo em novembro de 2009)

A gente não sabemos escolher presidente/A gente não sabemos tomar conta da gente/A gente não sabemos nem escovar os dente/Tem gringo pensando que nós é indigente/Inútil/A gente somos inútil.A gente faz carro e não sabe guiar/A gente faz trilho e não tem trem prá botar/A gente faz filho e não consegue criar/A gente pede grana e não consegue pagar/A gente faz música e não consegue gravar/A gente escreve livro e não consegue publicar/A gente escreve peça e não consegue encenar/A gente joga bola e não consegue ganhar.(“Inútil”, letra de Roger Moreira. Álbum “Nós vamos invadir sua praia”. Ultraje a Rigor, 1984.)

Outra música que ganhou cunho político foi “Pro dia nascer feliz” de Frejat e Cazuzza. No mesmo dia das eleições diretas para presidente, durante o “Rock in Rio” Cazuzza a cantou em comemoração à eleição de Tancredo Neves, o novo presidente da República. A canção, entoada por 30 mil pessoas, passou a ter um novo significado: “Pro dia nascer feliz/Essa é a vida que eu quis. O mundo inteiro acordar e a gente dormir.”

A morte de Tancredo Neves e a criação da nova Constituição Brasileira em 1988 sinalizaram mudanças nos rumos políticos do país. Na economia o governo democrático desenvolveu vários planos econômicos, como o Cruzado em 1986, que visavam o controle da inflação. Tais planos não obtiveram sucesso e foram incapazes de eliminar a inflação. Neste período, a problemática sociopolítica é discutida nas bandas. Os jovens letristas, que outrora abordavam a questão raramente, começam a registrar no cenário musical composições que retratavam uma sociedade violenta, opressora e injusta como responsável pelas desigualdades sociais que atingira os menos favorecidos.

O sentimento de descrença predominou na juventude que desejava que seu país retornasse a perspectiva de um futuro e um presente democrático. A ilegalidade, a miséria e descrédito político foram fonte de inspiração para as canções nos últimos anos da década 1980.

Considerações

A análise da geração diretamente afetada pelos anos de chumbo revela uma série de experiências vividas, possibilitando o entendimento a cerca dos sentidos que o grupo atribui a sua realidade social, em determinado momento e lugar na História. O que aconteceu nos últimos regimes ditatoriais pode ser aprendido através de uma nova forma de ação política



ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO
ISBN 978-85-65957-00-7

que, no caso da juventude brasileira de 1980, assume também a forma do rock. Neste sentido, o rock é a expressão interpretativa, instrumento vinculador de suas ideias. No rock, arte política não se manifesta necessariamente como arte protesto, mas seu processo exterioriza a relação dos sujeitos com a sociedade.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. *Anotações finais*. In: *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994
- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta. O Rock e o Brasil dos anos 80*. Ed. DBA
- ALZER, Luiz André & CLAUDINO, Marina. *Almanaque dos anos 80: Lembranças e curiosidades de uma década muito divertida*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. “O mito da Rebeldia da Juventude, uma abordagem sociológica” in: *Educação em debate*. Fort, 13(1);jan/jun, 1987.Pp. 11-23
- CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense, 1985.
- CORRÊA, Tupã G. *Rock, nos Passos da Moda. Mídia: Consumo X Mercado*. Campinas, Papirus, 1989.
- DAPIEVE, Arthur (1995). *Brock: o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.
- DAPIEVE, Arthur e VALLADARES, Maurício. *Os Paralamas do Sucesso*. Rio de Janeiro, Senac editora, 2006.
- FRIEDLANDER, PAUL. *Rock and Roll: Uma História Social*. Tradução de A. Costa. 4º ed, RJ: Record, 2006.
- GUERREIRO, Goli. *Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro*, Salvador, UFBA.1994
- MARCHETTI, Paulo. *O Diário da Turma 1976-1986 História do Rock de Brasília*. Ed. Conrad, 2001.
- MOTTA, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NEVES, Ezequiel. *Barão Vermelho: Por que a gente é assim*. São Paulo. Editora Globo. 2007.



ANAIIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO
ISBN 978-85-65957-00-7

NOVAIS, R. “*Juventude , conflito e sociedade*”.In: Comunicações do ISER, nº 50, ano 17, 1998.

PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950.” in: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos Jovens. A época contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp.319-382

PUJOL,Sergio. *Rocy y Dictadura. Crónica de una generación*. Ed. Booket. Argentina, 2007.

QUADRAT, Samantha. “El brock y la memória de los años de plomo en Brasil democrático.” IN

RUSSO, Renato. *Conversações com Renato Russo*, Campo Grande: Letra Livre. 1996.

SHAPIRO, Harry. *História del rock y las drogas*. Ed. Robinbook, Barcelona, 2006.

VELHO, Gilberto. “Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade”. In ALMEIDA, M e EUGENIO, F.(Orgs). *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.